

XIX Colóquio da Lusofonia

ABERTURA OFICIAL

Centro Social e Paroquial da Maia, Ribeira Grande

16 de Março de 2013

**INTERVENÇÃO DO
SUBSECRETÁRIO REGIONAL DA PRESIDÊNCIA PARA AS RELAÇÕES EXTERNAS
GOVERNO REGIONAL DOS AÇORES**

Começo, naturalmente, por dirigir, em nome do Presidente do Governo dos Açores, uma calorosa saudação a todos os participantes no XIX Colóquio da Lusofonia.

Gostaria de cumprimentar de um modo muito especial o nosso Convidado de Honra, Dom Ximenes Belo, Bispo Emérito de Díli e Nobel da Paz, um defensor universal da matriz cultural lusófona, muito em particular, no âmbito do legado histórico e da vontade nacional do povo de Timor-Leste.

Apesar da distância geográfica, Timor-Leste e os Açores têm uma grande proximidade afetiva, forjada pela História e ancorada numa profunda amizade entre povos e suas instituições, consolidada pelo papel da nossa língua comum.

É por isso, com grande satisfação que vemos no programa deste colóquio a apresentação da “Trilogia da História de Timor”.

Acima de tudo, a presença de Vossa Excelência Reverendíssima na Região Autónoma dos Açores é uma honra, assim como a oportunidade de o ouvir, um privilégio.

Uma palavra também, de reconhecimento, a todos os autores açorianos, legítimos herdeiros e continuadores da nossa valiosa matriz cultural

identitária, muito em particular, ao homenageado nesta sessão, Álamo Oliveira, autor incontornável da poesia, do romance, dos contos, do teatro e do ensaio destas ilhas, ou seja, da escrita contemporânea dos Açores e da Lusofonia.

Saúdo ainda, em particular, aqueles que nos visitam e que, vindos de várias partes do globo, vêm enriquecer substancialmente o trabalho e os debates, contribuindo o sucesso desta iniciativa.

Finalmente, permitam-me ainda, nestas palavras iniciais, que saúde a organização do XIX Colóquio da Lusofonia, na pessoa do seu Presidente, Chrys Chrystello, bem como todos aqueles que apoiaram e contribuíram para a realização deste evento, em particular, os nossos anfitriões, na pessoa do Presidente da Câmara Municipal da Ribeira Grande, Ricardo Silva, bem como na do Presidente da Junta de Freguesia da Maia, que nos acolhe na sua bela fajã, orgulhosa da sua história de mais de 5 séculos.

Aliás, a Maia foi desde os primórdios do povoamento conhecida pelos seus terrenos férteis, as suas searas e por um mar circundante de abundância, destaque que hoje mantém através da agro-pecuária, da pesca, da indústria do chá ou dos serviços, como no turismo de habitação e restauração.

Além disto tudo, a freguesia da Maia, tendo sido um polo do desenvolvimento do ensino primário em São Miguel no século XIX, é hoje uma terra de pulsante vida cultural, como testemunhamos pela sua filarmónica, Lira do Espírito Santo ou pelo seu Grupo Coral, Cantares da Maia, ou, ainda, dos seus espaços históricos e museológicos, como o

Museu do Tabaco ou a Fábrica do Chá da Gorreana, sem esquecer, claro está, o património natural e as belíssimas paisagens do norte da ilha.

Este é, assim, um local ideal para o desenrolar de um programa, onde se entrecruzam as dimensões local, regional e universal da Lusofonia. Elogio, por isso, a organização, pela decisão de realizar aqui este encontro.

Na verdade, todos nós, nos Açores – *e como tão bem podemos testemunhar junto das nossas comunidades na diáspora* - somos, primeiro, da nossa “terra”, da nossa freguesia, depois do nosso concelho, da nossa ilha e depois ainda da Região, de Portugal e finalmente – e sempre - do Mundo.

Nas palavras de Vitorino Nemésio, nós, Açorianos – onde quer que estejamos - “como homens, estamos soldados historicamente ao povo de onde viemos e enraizados pelo habitat a uns montes de lava que soltam da própria entranha uma substância que nos penetra”.

Mas estamos, também, os Açores os Açorianos, e em todas essas dimensões, unidos pela cultura, pelas tradições e um profundo sentimento religioso – *ligado a tantas e tantos cataclismos e tragédias, que infelizmente se renovam* – e pela Língua-mãe, o mesmo é dizer, pela Lusofonia !

Este mundo da Lusofonia – que é um espaço de diálogo, de amizade e Paz –no que diz respeito à identidade destas nove ilhas e das suas gentes, que nelas vivem ou em tantas outras “ilhas” da diáspora, traduz-se, como sabemos, pela “Açorianidade”.

É esta “Açorianidade”, que nos enraíza e, ao mesmo tempo, nos dá asas universais, e é através da língua portuguesa que convivemos, organizamos o nosso pensamento, transmitimos o nosso património cultural, as nossas tradições e costumes, o nosso sentir e viver tão próprios.

Os Açores de hoje, como sabemos, não são só compostos por estes nove pedaços de terra no atlântico, mas identificam-se, acima de tudo, pelas suas gentes, língua, cultura e tradições.

Da Açorianidade, como parte da Lusofonia, são parte integrante, não só a população residente no arquipélago, mas também as vastas comunidades de emigrantes e de descendentes de emigrantes residentes um pouco por todo o globo, por aqueles que retornaram à sua ilha de origem após longos anos de emigração e, mais recentemente ainda, pelas comunidades imigrantes, em particular, de diversos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa e do Brasil.

Neste contexto, os desafios futuros da Açorianidade e da Lusofonia prendem-se essencialmente com as novas gerações de açor-descendentes. Às comunidades emigrantes e descendentes de emigrantes, coloca-se o desafio acrescido de se manterem vivas a língua e tradições do seu país e região de origem.

Aos estudiosos e agentes da cultura, da língua e das tradições cabe, neste contexto, um cada vez maior papel na preservação da Açorianidade.

Minhas Senhoras e Meus Senhores,

No caso das comunidades açorianas, a manutenção da língua portuguesa na América do Norte, ainda mais quando pensamos nas segundas e

terceiras gerações, permite uma contínua e reforçada ligação às suas origens.

Apesar da política do ensino e preservação da Língua Portuguesa nas comunidades da diáspora ser uma competência nacional, claro está, o Governo Regional dos Açores, não prescinde de assumir um papel fundamental ao complementar este esforço com um conjunto de ações que visam, precisamente, a preservação das especificidades da língua e cultura na sua dimensão atlântica: a Açorianidade.

Neste contexto, o Governo dos Açores, tem apoiado, promovido, acompanhado e liderado, ao longo dos anos, um número significativo de atividades, como o fornecimento regular de bibliografia de autores açorianos e de temática açoriana e de material didático que possibilite aos alunos o conhecimento da geografia e características físicas dos Açores, bem como de elementos da história e da etnografia de um povo.

De igual modo, a publicação de livros de autores açorianos da diáspora e de outros que, não sendo açorianos, escrevem sobre temas relacionados com os Açores e as suas Comunidades e o apoio à realização de estudos de investigação são outras políticas adotadas pelo Governo dos Açores, no que concerne à língua Portuguesa.

E para não ser exaustivo, citaria apenas ainda os apoios a intercâmbios escolares e visitas de estudo entre os Açores e as Comunidades; os concursos para alunos de português na diáspora e os apoios a colóquios, congressos e seminários da língua portuguesa.

Sendo o emigrante açoriano, como qualquer outro, alguém que se encontra dividido entre “cá” e “lá”, é, em suma, indispensável criar-lhe condições para que este se sinta, não apenas integrado no país de acolhimento, mas ao mesmo tempo enraizado no país de origem. A língua assume-se, neste contexto, como um elo entre os dois mundos, mas também - e com cada vez maior relevância - entre várias gerações.

Minhas Senhoras e Meus Senhores

Os Açores são, hoje, uma Região Autónoma Portuguesa e uma Região Ultraperiférica da União Europeia, significando o reconhecimento institucional dos condicionalismos e dificuldades específicas e permanentes do arquipélago - como o afastamento, isolamento, dispersão e pequena superfície geográfica, o clima e relevo difíceis.

Acima de tudo, não somos – nem nunca poderemos ser – ultraperiféricos em relação à cultura.

E, por isso, a Açorianidade e a língua portuguesa são uma dimensão indissociável da participação e integração dos Açores na União Europeia, que quebra e ultrapassa as barreiras da ultraperiféricidade geográfica, projetando a Europa globalmente.

Neste particular, os Açores, apesar do seu isolamento geográfico, pelas fortes ligações culturais e afetivas com outros territórios não europeus, são um caso paradigmático do contributo que uma Região como a nossa traz para o Diálogo da Europa com o Mundo.

A nossa Região – como território insular e atlântico da União Europeia – tem na sua língua, cultura e tradições uma dimensão imprescindível da

sua afirmação na Europa e um papel relevante no diálogo deste continente com o Mundo.

A Lusofonia e a identidade açoriana merecem, assim, a maior atenção e o contributo de todos nós, para que continuemos a construir, sem perda da nossa identidade, um futuro melhor !

Rodrigo Oliveira

**SUBSECRETÁRIO REGIONAL DA PRESIDÊNCIA PARA AS RELAÇÕES EXTERNAS
GOVERNO DA REGIÃO AUTÓNOMA DOS AÇORES**